

ARQUIPÉLAGO: CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS
ARQUIPÉLAGO: CONTEMPORARY ART CENTRE


Manuel Graça Dias leva-nos ao Centro de Artes Contemporâneas, na Ribeira Grande, em São Miguel, Açores; um caso de recuperação inteligente e sensível de uma peça de património industrial.

“Património” e “recuperação”, em arquitectura, são conceitos atravessados por múltiplos equívocos e ambiguidades, múltiplos significados e exemplos, também, nem sempre os mais adequados ou apropriados para a compreensão da extensão do tema.

O entendimento vulgarizado da relevância do património arquitectónico, talvez por não haver um verdadeiro fascínio pelo construído nem uma ligação profunda à capacidade que temos de humanizar os ambientes, esgota-se, na maior parte dos casos, quando aquele ultrapassa os arranques do século XX ou quando escapa à motivação religiosa ou de acompanhamento urbano que caracteriza os chamados “centros históricos”.

Aqui há uns tempos, o património arquitectónico parecia começar e acabar com o Senhor Dom João V, em Mafra, ou ao longo do longo aqueduto, no atravessar do Vale de Alcântara, em Lisboa; hoje, porém, a demolição do que restou de um modestíssimo edifício de XIX, cortado ao meio para a

Manuel Graça Dias takes us to the Contemporary Art Centre in Ribeira Grande, São Miguel, the Azores; a case study of the smart and sensible renovation of a piece of industrial heritage.

“Heritage” and “renovation”, in architecture, are concepts that are plagued by multiple misunderstandings and ambiguities, and also by multifarious meanings and examples, which are often not the most appropriate or suitable to explain the depths of the subject.

The generalised understanding of the importance of architectural heritage wanes, in most cases, when it is no longer confined before the 20th century or bound to religious works or the urban trends which characterise the so-called “historic centres”, perhaps because there is no genuine fascination for that which is built nor a profound connection to our ability to humanise environments.

A few years ago, architectural heritage seemed to begin and end with Dom João V, in Mafra, or along the long aqueduct, crossing Alcântara Valley, in Lisbon. Today, however, the demolition of what remained of a quite modest 19th century building, cut in half to make way for a street when approaching



THE

REFINED

CITADEL

Rato, increased the population’s demand for “maintaining original features” and the militancy against the “adulteration” of sites, no matter how “adulterated” they already had been/are.

When it comes to renovation, the need for renovation, maintenance or the rehabilitation of built heritage, stances are even more baffling and confusing. If the news on how long the restoration of the structure of the Mafra carillons is taking immediately serves as an excuse for the most unpleasant comments accompanied by rancid references to History and the past, it’s odd to note that this desire to “maintain original features” is satisfied, in general, by any regurgitated cheap façade with PVC windows which, apparently, “looks” like the old one, regardless of what goes on “behind” this wall.

Stances, among many, almost always conservative and devoid of the opportunities that modern architecture brings, because they are new or different, adding existing “heritage” to that of the future; devoid of today, of today’s capabilities, of itself and of us, as a social unit of the now which, together, creates cultural relevance to be passed on to future generations.

On a journey across the country, one encounters many ignorant, forgotten “renovations”, no longer recalling that which they do not know, hollow walls that disrespect “heritage” in exchange for easy money. Then, there are others who, lovingly, look at what is and quietly go about

making it more modern, understanding what the space always aspired to be and, accordingly, build renovated perceptibilities that are congruent and, at times, even more suited, appropriate, precise, beautiful, useful.

The in-depth restoration, renovation and rehabilitation that enabled the Contemporary Art Centre, *Arquipélago*, to be established in Ribeira Grande, on São Miguel Island, is an example of this honest approach to heritage (in this case, industrial) and to simply intervene, to improve, correct and complete it, bringing it back into the

fold of contemporary existence, contemporary needs, contemporary demands; equally different, but as though it had always been there just so, simply waiting to be discovered, to be used once again by its heirs, by us all, the heirs of today, of those of the former alcohol or tobacco factory or of the military barracks that came later, or even of the ruins, in the end, remnants without value, no matter how romantic one gazed upon them.

The “ruins” were purchased by the Azores Regional Secretariat for Culture, the entity that managed the entire creation process of this



abertura de uma rua, na chegada ao Rato, alargou, populisticamente, a exigência de “manutenção das traças originais” e a militância contra a “descaracterização” dos lugares, por mais “descaracterizados” que já sejam/estejam.

Quanto à recuperação, às necessidades de recuperação, manutenção ou reabilitação da herança construída, as posições baralham-se e confundem-se mais, ainda. Se a notícia da lentidão no restauro da estrutura dos carrilhões de Mafra é imediatamente pretexto para os mais azedos comentários acompanhados por rançosas exaltações à História e ao passado, é curioso que o desejo de “manutenção das traças originais” se satisfaça, na generalidade, com qualquer repetição de fachada manhosa com janelas em PVC, independentemente das tropelias praticadas “atrás” dessa parede que ficará, ao que parece, “parecida” com a antiga.

Posições, entre muitas, quase sempre imobilistas e desacreditadas das possibilidades da arquitectura moderna, porque nova ou diferente, em somar ao “património” existente o património do futuro; desacreditadas do hoje, das capacidades do hoje, desacreditadas de si e de nós, enquanto grupo social do presente que somos, juntos, em produzir relevância cultural que leguemos aos próximos, depois de nós.

Se nos deparamos, ao viajar pelo País adentro, com muitas “recuperações” ignorantes,

desmemorizadas, esquecidas do que não sabem, paredes ocas que desrespeitam a “herança” para fazer dinheiro grosseiro, outras há que, amorosamente, olham o existente e serenamente o modernizam, compreendendo o que o espaço que estava teria querido sempre ser e em acordo com ele construindo realidades renovadas coerentes, por vezes, ainda mais ajustadas, adequadas, precisas, bonitas, úteis.

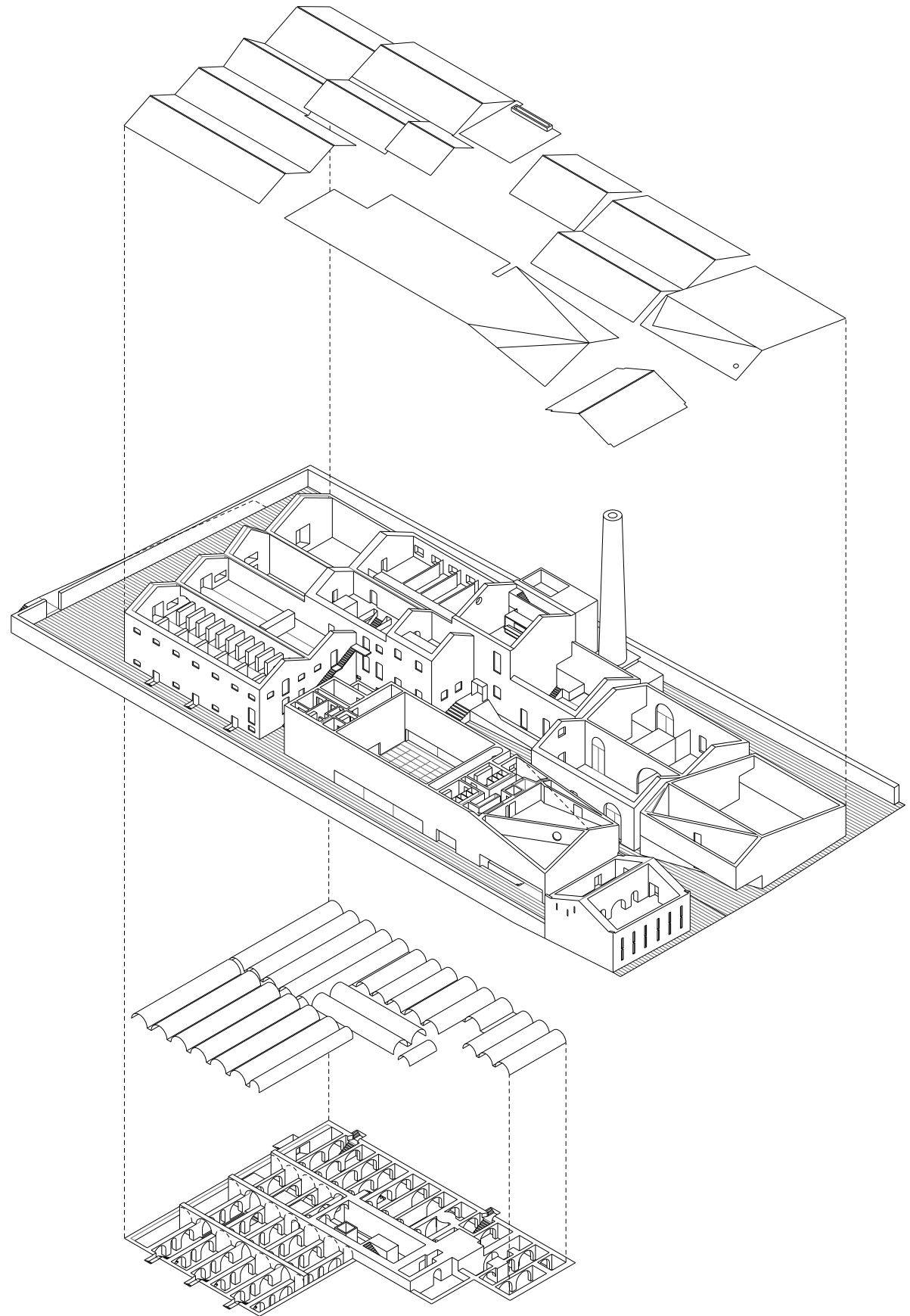
A intervenção de profundo restauro, recuperação e reabilitação que possibilitou a instalação do Centro de Artes Contemporâneas, *Arquipélago*, na

Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, é exemplo deste modo franco de olhar o património (aqui, industrial) e de, descomplexadamente, o melhorar, intervencionar, corrigir, completar, trazendo-o de novo ao convívio contemporâneo, às necessidades contemporâneas, às exigências contemporâneas; equilibradamente diferente, mas como se estivesse estado sempre lá assim, à espera só de ser descoberto, à espera só de ser de novo utilizado pelos herdeiros que somos todos nós, os de hoje, herdeiros no tempo da antiga fábrica de alcoól, ou de tabaco ou do, depois, aquartelamento militar

cultural facility, which aims at encompassing “a wide range of artistic disciplines: visual arts, performing arts, multimedia, cinema, music, architecture, design, illustration, literature and fashion”. An architecture tender was opened (in two stages: the first, curricular, and the second, of concepts) to identify the best proposal for the restructuring of the complex’s spaces, which was awarded to two associated teams that had already worked together on this type of project: Architects Cristina Guedes and Francisco Vieira de Campos (from the Menos é Mais studio) and Architect João Mendes Ribeiro.

The solution included “adding on” to the already existing area, given that the ambitious architectural brief was too big for the property which housed the factories and barracks. The proposal saw the compound and layout of the three or four buildings that comprised it as a good starting point for an “urban” installation: two new volumes, made of concrete with basalt aggregate, distinct from the first volumes in volcanic rock masonry, but in keeping with the heights and shapes thereof, “envelope” the area the public walk through outdoors, following a narrow and serpentine alley which mimics the nature of the older buildings, of rough rock in an upright heap, their markings, scars, covered, walled windows, later reopened a little higher up.

They are short walks, but halfway through they lead to a surprising patio which provides access to



ou já só da ruína, no fim, restos sem préstimo, por mais romântico fosse o nosso olhar.

A “ruína” foi comprada pela Secretaria Regional da Cultura dos Açores, entidade que geriu todo o processo de criação deste equipamento cultural, o qual pretende abranger, “um conjunto diversificado de disciplinas artísticas: artes visuais, artes performativas, multimédia, cinema, música, arquitectura, *design*, ilustração, literatura e moda”. Foi lançado um concurso de arquitectura (em duas fases: a primeira, curricular, e a segunda, de ideias) para encontrar a melhor proposta para a reestruturação dos espaços do conjunto, que veio a ser ganho por duas equipas associadas que já tinham trabalhado juntas neste tipo de desafios: os Arquitectos Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos (do *atelier* Menos é Mais) e o Arquitecto João Mendes Ribeiro.

A solução deveria passar por “acrescentar” área ao existente, uma vez que o ambicioso programa não caberia no todo que tinha albergado as fábricas e o quartel. A proposta entendeu o recinto e a disposição das três ou quatro construções que o compunham, como um bom ponto de partida para uma implantação “urbana”: dois novos volumes, exibindo o betão aparente com inertes de basalto, distintos dos primeiros em alvenaria de pedra vulcânica, mas seguindo-lhes as cérceas e a memória das formas, “aconchegam” o espaço

que o público irá atravessar, ao ar livre, seguindo uma estreita e serpenteante ruela em confronto com o carácter das construções antigas, da pedra rude num amontoado íntegro, das suas marcas, cicatrizes, janelas revistas, emparedadas, abertas de novo, mais acima.

São percursos curtos, mas o desembocar, a meio, num inesperado pátio que nos possibilita o acesso ao edifício expositivo através da rampa e da escada com que nos sobrepõem à meia cave que vive em baixo ao longo de salas hipóstilas de arcos recortados por luz dramática, transporta-nos a ambientes medievais italianos ou franceses de pedra escura, como se, de seguida, franqueássemos a grande porta de algum austero castelo.

O chão parece irregularmente desenhado, mas a sua regra empurra lajes compridas na direcção do mar; o espaço entre muros, depois do pátio, perfaz um *ésse* que uma escada longa, exterior, agarrada ao existente, enfatiza e povoa aumentando a especulação do mistério.

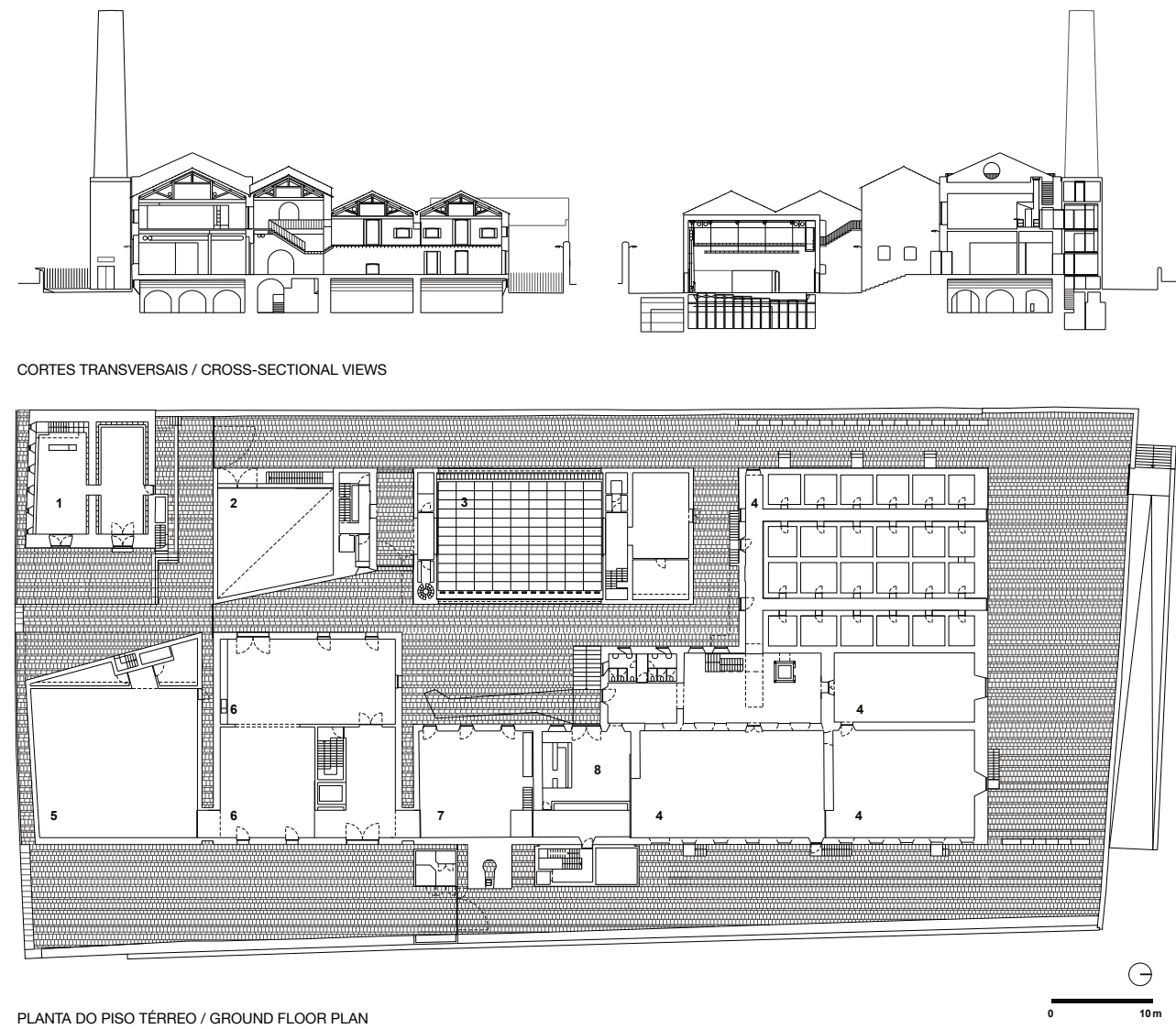
Apenas dois novos volumes (um destinado às reservas e outro, *Black Box*, aos espectáculos) foram suficientes para, articulados com o existente, construirem a ideia de “cidadela” que temos ao cruzar pelo meio o conjunto. Estes novos volumes “fecham” e completam uma hipótese de implantação, agora maciça e coesa, tornando tudo o que era mais ou menos accidental num todo *intencional*. E é

sempre de intencionalidade que se fala, quando se fala de boa arquitectura.

“O projecto compromete-se com a qualidade do existente, pondo em manifesto as variações tipológicas – os novos edifícios são colocados ao lado dos existentes de forma “serena” clarificando o que é existente num determinado período e o que se lhe acrescenta, sem ferir ou desvirtuar as estruturas espaciais e construtivas do conjunto. Contexto e contiguidade contribuem para a autonomia do objecto.”¹

A caixa de betão destinada às reservas instala-se à frente, junto da rua, crescendo à altura da caixa seguinte, em alvenaria de pedra, que alberga as “residências artísticas”; alinha-se, também pela “caixa branca”, onde se localiza a loja (livros, catálogos e *merchandizing*), dos antigos edifícios, o único rebocado e pintado. A construção destinada às reservas do Centro de Artes, por dispensar janelas, reunindo interiormente as condições técnicas necessárias à conservação dos diversos materiais em acervo, adquire o aspecto mais abstracto de todo este agrupamento de volumes, grande mole cega, à entrada, em contraste expressivo com a brancura rasgada de vãos do edifício/loja em frente. Completa, com ele,

1. Memória Descritiva do Projecto.



THE REFINED CITADEL

the exhibition building through a ramp or stairs which overlap a cellar tucked away beneath the hypostyle halls bathed in dramatic light, transporting us to a medieval Italian or French ambience with dark stone, as though we were about to cross the great gateway of some austere castle.

The ground appears to have an irregular design, but its principle stretches long slabs towards the sea. The space between walls, after the patio, draws an ‘s’ which a long outdoor staircase, extending from the existing one, accentuating and filling the area, adding to the mystery.

Just two new volumes (one for reservations and the other, Black Box, for performances) are enough to, together with the already existing buildings, give visitors the sense that they are in a “citadel” as they reach the centre of the complex. These new volumes “close” and complete an option for implementation, now solid and unified, making what once was more or less haphazard, intentional. And the *intentional* is what good architecture is all about.

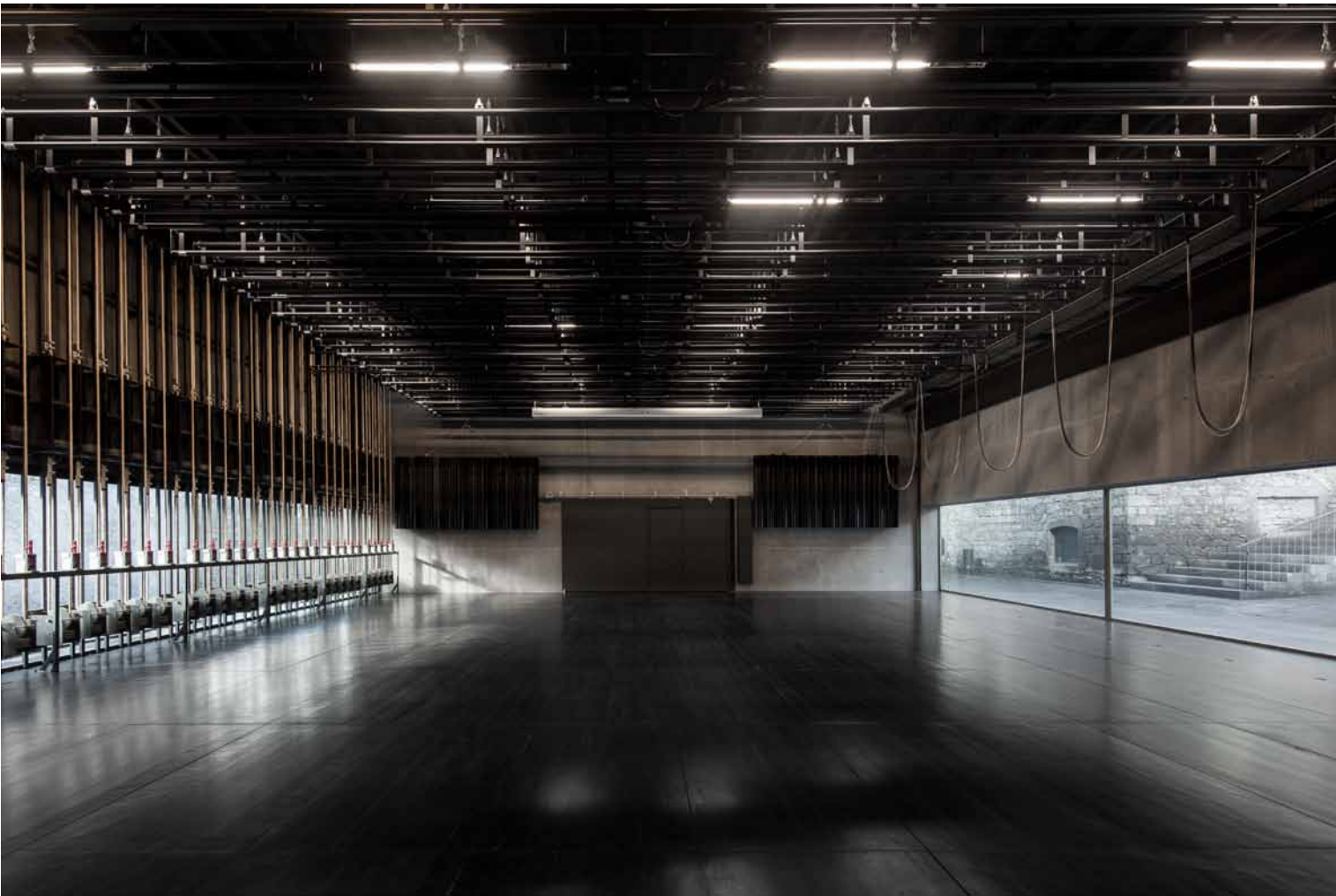
“The design is committed to the quality of that which exists, demonstrating the typological variations

- the new buildings are “seamlessly” placed next to the existing ones, illustrating what exists in a particular time and what is added, without harming or misrepresenting the spatial and constructive structures of the complex. Context and continuity contribute to the autonomy of the object.”¹

The concrete box for reservations is located at the front, near the street, growing to the height of the next box, in stone masonry, which houses the “artist residencies”. It is also aligned with the “white box”, one of the old buildings and the only plastered and painted building, where the store (books, catalogues and merchandising) is located. Because it has no windows, thus having the required technical conditions to store various collections, the building used for reservations for the Art Centre has an abstract appearance compared to the rest of the volumes; a giant blind mole at the entrance, in sharp contrast to the gaping whiteness of the spans of the building/store in front. Together, they form a tiny reception “square” and its more “open”, but disciplined shape, retreats, in a triangle, to the ground floor, simultaneously creating a dynamic path for whomever arrives at the Art Centre and generous cover for whomever is waiting to begin a visit or for transport to arrive at the end of one, in



1. Project brief.



THE

REFINED

CITADEL

weather as unpredictable as that which the north Atlantic coast is known for.

But nothing in its volume, which in itself is already useful and artistically impressive, is unintentional or fortuitous. The location, in addition to being near a neighbouring stone warehouse, separated merely by a long narrow alley (which repeats the already existing separation between this and the adjacent building, used for exhibitions), also restores the orientation of the street itself which, there, at the start of the crooked wall, also curves slightly. Then, on top, the large black volume is completed using a triangular prism which blends in with the gable roofs of the existing construction.

The Black Box is the longest piece of the set and closes, at the south/north end, the ‘U’ made up of the various stone buildings on the western side. Inside (which we access through a low subtle twisting wall which outlines a first lobby, from the path, but covered), there are two centres, the larger of the two, a multi-purpose space with spans crossing its longitudinal walls. According to the authors, the Black Box may, through this unusual transparency, go beyond the idea of “Street Theatre”, allowing visitors to “be on the inside looking out” or looking out from a display case. With blacked-out windows, however, the multi-purpose space proposes that we go through a succession of trapdoors which partition the floor, with

several configuration options: the central “stage” with more conventional cross-cut or longitudinal seating facing forward, or “continuous” floor space with unreserved areas for the audience or performers. Near the ceiling, without ever knowing how the hall will be set up to meet the needs of the various shows, are a long series of electrified rods for lighting or scenography. What’s really beautiful, in addition to the undeniable convenience of the installation, is the ability to see the backlight in front of the horizontal west-facing window, when “open”, punctuated by the many counterweights aligned to support the rods, which, in turn, provide texture to the ceiling.

“The set of 45 counterweights and sisal ropes, used to activate the rods, extend across the entire hall and form a kind of curtain which filters the light of the setting sun. The display of this mechanism allows the audience to accompany the movements of the scene which, in a conventional space, are hidden by the apron, in the bridge.”²

2. João Mendes Ribeiro & Catarina Fortuna. 2015. “A cena integral como exercício de liberdade: A propósito do espaço cénico do Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas dos Açores”. *Construção Magazine* [Revista Técnico-Científica de Engenharia Civil] #66. Porto: Grupo Publindústria, Mar/Apr, 47

The so-called “Exhibition Space” occupies the largest of the former factory palimpsest. The first four rooms, which form a “circle”, are relatively neutral and sleek high spaces, and a limited number of spans were kept facing north and towards the sea, as recommended for current museum layouts, which are still, in my opinion, very much a slave to the tyranny of the “video installation” discipline and its exaggerated demands for absolute darkness.

Beneath the rooms, in the basement, is a stunning area with pillars, arches and vaults in volcanic rock, which make up the foundation of the building: an impromptu “hypostyle hall” that the architects managed to recover and make presentable, lowering the floor, demolishing the walled arch voids, and opening small north-facing windows.

Strolling through these “catacombs” is, in itself, a poetically and architecturally thrilling show. Nonetheless, the Centre’s management team has added to the underground programme, piquing the interest of its visitors (concerts, jam sessions, fado, dance, performances, in addition to video installations and exhibitions not involving paper and canvas, given the uncontrollable level of moisture in this section of the complex).

Another amazing space, unbeknownst to the promoter when the tender was open, is located



Box, segundo os autores, através desta inusitada transparência, ultrapassar a ideia de “Teatro de rua”, permitindo um “estar dentro a ver o fora” ou um olhar de fora uma montra de representações; fechadas as janelas com as suas telas *black out*, contudo, o espaço polivalente irá propor-nos, através da sucessão de quarteladas em que se segmenta o pavimento, várias possibilidades de configuração para o chão da sala: de “palco” central com bancadas transversais ou longitudinais a uma disposição frontal, mais convencional, ou ao chão livre, “contínuo”, sem marcação de espaços para

público ou *performers*. Junto ao tecto, nunca se sabendo como será modelada a sala para resposta aos diferentes espectáculos, corre uma longa série de varas electrificadas para iluminação ou cenografia; o muito bonito, para lá da inegável praticidade da instalação, é vermos, frente à janela deitada corrida poente, quando “aberta”, o contraluz ritmado dos tantos contrapesos alinhados de apoio às varas, as quais, por sua vez, dão textura ao tecto da sala.

“O conjunto dos 45 contrapesos e cordas de sisal, usados para accionar as varas, abrange toda a área da sala e forma uma espécie de cortina que

THE

REFINED

CITADEL

to the west of the Exhibition Building. We enter a long, narrow gallery which runs along the south façade of the “L” shape of the building and, behind it, we reach two even narrower corridors, facing

north, which end with a door/window looking out over the sea.

Crossing the two narrow corridors, between whitewashed walls with vaulted ceilings in dark

exposed stone, takes us to the most unusual space in this Art Centre. Here, we can peer into four series of six small isolated cubicles, connected by doorways to both sides of the corridor, which can



filtra a luz de poente. A exibição desse mecanismo permite ao público acompanhar os movimentos de cena que, num espaço convencional, estão ocultos pela boca de cena, na caixa de palco.”²

O chamado “Edifício Expositivo” ocupa o volume maior do antigo palimpsesto de fábricas. As primeiras quatro salas, num alinhamento “circular” são altos espaços, relativamente neutros e lisos, com parcimoniosa manutenção de alguns dos vãos voltados a norte e ao mar, como o recomendam as melhores disposições museológicas actuais, muito subordinadas, ainda assim e quanto a mim, à tirania das modalidades de “instalação vídeo” e às suas exageradas exigências de negro absoluto.

Sob estas salas, na cave, corre um espaço lindíssimo de pilares, arcos e abóbadas em pedra

2. João Mendes Ribeiro & Catarina Fortuna. 2015. “A cena integral como exercício de liberdade: A propósito do espaço cénico do Arquipélago, Centro de Artes Contemporâneas dos Açores”. *Construção Magazine* [Revista Técnico-Científica de Engenharia Civil] #66. Porto: Grupo Publindústria, Mar/Abr, 47



vulcânica, compondo as fundações da construção: imprevisita “sala hipóstila” que os arquitectos conseguiram resgatar e tornar visitável, rebaixando o pavimento, demolindo os vazios dos arcos emparedados, abrindo pequenas janelas a norte.

Percorrer estas “catacumbas” é, já de si, um espectáculo poética e arquitectonicamente emocionante, mas a direcção do Centro tem variado a programação subterrânea aumentando o interesse das visitas (concertos, *jam sessions*, fado, dança, *performances*, para lá de instalações vídeo e de exposições que não envolvam papel ou telas, dado o teor de humidade não controlável nesta secção do conjunto).

Outro espaço surpreendente, e desconhecido da entidade promotora quando do lançamento do concurso, surge-nos do lado poente do Edifício expositivo. Entramos numa galeria estreita e comprida que corre junto à fachada sul do “L” que é esta construção e, através dela, acedemos a dois corredores, ainda mais estreitos, orientados sul/norte e rematando-se numa porta/janela aberta à visão do mar.

A travessia dos dois corredores finos, de tectos abobadados e escuros na pedra à vista, entre

paredes rebocadas brancas, conduz-nos à mais insólita espacialidade deste Centro de Artes, ao podermos espreitar quatro séries de seis pequenos cubículos cegos, ligados por vãos de porta aos dois lados dos corredores, possibilitando múltiplas utilizações, instalações, propostas, como que previamente engendrados para alegria dos curadores. Aumentando a riqueza dos percursos, os arquitectos furaram as duas últimas células contíguas do final, permitindo uma viagem circular aos segredos do espaço inesperado.

Visitar os 24 compactos minúsculos casulos, tão adequados a uma museografia atenta, torna-se ainda mais interessante quando lhes tentamos compreender a génese. À época do concurso, a sua existência era desconhecida e as equipas concorrentes receberam um levantamento fornecido pela organização que apenas dava conta da presença da galeria e dos dois corredores em pente. A partir do soalho apodrecido do piso superior, no entanto, foi possível a estes arquitectos, em visita prévia ao local, aperceberem-se de algumas daquelas pequenínissimas salas, em baixo. Nos corredores confirmariam a hipótese, ao depararem com seis pares de respiros que se repetiam em todas as paredes, junto ao chão e em cima, no arranque das abóbadas/tecto. A sua aposta, em contarem com mais estas séries de espaços para aumento da oferta expositiva do Centro,

be used for multiple purposes, installations, projects, as if devised for the delight of the curators. Enhancing the richness of the trajectories, the architects brought down the walls of the two last adjoining cells, creating a circular journey towards the secrets held by the unexpected space.

Visiting the 24 minuscule compact cocoons, incredibly suited to mindful museology, becomes even more interesting when we attempt to understand the genesis. At the time of the tender, no one knew about those spaces. The competing teams received an inventory provided by the organisation which only indicated the existence of the gallery and two comb-shaped corridors. However, during a reconnaissance visit to the site, the architects caught a glimpse of the tiny rooms below through the rotted floor boards of the upper level. They confirmed their hypothesis in the corridors by identifying six pairs of vents which were repeated on all the walls, near the floor, at the start of the vaults/ceiling. Their gamble, in counting on these extra series of spaces to increase the exhibition offering of the Centre, proved to be perfectly feasible and, today, it can be justly verified.

Still a mystery, the hidden space, apparently only accessible from the upper level, the floor of which was partitioned by trapdoors (thus suggested by the beam layout, albeit used only to attach the aforementioned rotted floor boards) is believed



mostrou-se perfeitamente plausível e hoje podemos comprová-la ajustada.

Permanecendo misterioso, o objectivo inicial desta espacialidade escondida, aparentemente só acessível a partir do piso superior que terá tido o pavimento segmentado por quarteladas (a disposição do sistema de barrotes, ainda que já só servissem para a fixação do tal soalho apodrecido, assim o indicava), conjectura-se que pudesse ter sido a secagem de tabaco. Os arquitectos não são arqueólogos, mas aqui quase que intervieram como tal; para além de descobrirem e tornarem possível o

deambular pelas 24 pequenas celas, mantiveram, nos salões do piso superior, que destinaram ao centro de documentação e ao serviço educativo do complexo, a memória desse pavimento que visitava por cima os espaços: a meio, sobre os corredores abobadados, repetindo a betonilha que ainda tinham chegado a ver nas salas arruinadas; lateralmente, repondo um soalho de madeira como, provavelmente em resultado da ocupação militar posterior, as salas já exibiam na última fase.

A este piso superior chega-se por uma muito bonita escada de potentes guardas em madeira que

reproduz, agora em novo, a escada já existente no mesmo local. Um comprido lança inicial, leva-nos a um patim, de onde poderemos derivar, para esquerda, encaminhando-nos para os grandes salões do serviço educativo e do centro de documentação, ou para a direita, em direcção à zona da administração do Centro de Artes e ao bar/cafetaria.

A menos ortodoxa localização do bar/cafetaria ter-se-á ficado a dever à possibilidade de, naquele ponto do edificado, ter sido possível construir um discreto terraço que garante uma não dispendiosa possibilidade de ar livre e de vistas sobre o complexo e o Oceano; mas é, talvez este, o único ponto fraco do ambicioso projecto: no corpo da loja de vendas, junto à rua, por exemplo, o bar/cafetaria ganharia outra visibilidade e maior frequência, animando a “praça” de entrada e conquistando sinergias para o todo, o que não acontece com o posicionamento escolhido, por muito arredado.

Regressados ao exterior, ao aparente “labirinto” que, entre o existente e a disposição do novo, os arquitectos criaram, esse interessante espaço público que nos permite atravessar o Centro de Artes, de sul para norte, guiados pelas paredes negras e vulcânicas, cruzamos um último pátio, nas traseiras onde uma administração atenta e empenhada em abrir as actividades à cidade fez instalar uma pista de *skate*, sempre muito procurada pela miudagem; mas ao transpormos o portão do muro



não estamos ainda no final da viagem: um terreiro vasto, a toda a largura do largo lote onde se implanta o complexo, estende-se até à avenida marginal tendo, por enquanto, o mar por horizonte. Trata-se de um terreno já adquirido posteriormente pela Secretaria Regional de Cultura dos Açores, tendo em vista desafogar o Centro de Artes e dotá-lo de mais um amplo espaço ao ar livre, onde têm, também, decorrido actividades.

Para lá da marginal, a Câmara da Ribeira Grande comprou, entretanto, a continuação dessa faixa, até ao muro que limita a falésia, o que poderia ser um bom prenúncio de prolongamento do

espaço público qualificado na frente do Centro, não fosse a obstinação com que se procura dotar esse vazio de um “monumento” intitulado, “Praça Saudades da Terra” que incluiria um globo terrestre de quatro metros de diâmetro revestido a “calçada à portuguesa”, numa espécie de desafio *naïf*, certamente involuntário, à densidade das propostas de arte contemporânea que têm vindo a circular no *Arquipélago*.

Mas, concluída a visita, folheando na elegante loja de vendas os muitos catálogos e publicações resultantes dos vários acontecimentos que o Centro já testemunhou, somos, afinal, levados

a pensar que, “património” e “recuperação”, em arquitectura, poderão ser conceitos ainda muito atravessados por equívocos e ambiguidades, mas que, quando encarados do modo como o que foi ensaiado neste conjunto, este modo aberto, inventivo, discreto, culto, dialogante com o existente e pleno de desejo de o interrogar, melhorar e aperfeiçoar, quando se constituem como fortes argumentos para uma saudável compreensão da própria ideia de “recuperação”, terão certamente, também, um forte potencial didáctico que nos caberá, então, a nós, divulgar, celebrar e dar como exemplo. ●



to have been initially used to dry tobacco. The architects aren’t archaeologists but, in this case, they practically were. In addition to discovering and making it possible to wander around the 24 small cells, they kept the original design of the floor that guarded the spaces from above in the halls of the upper level, which are used for the document centre and education services of the complex. The floor, halfway across, over the vaulted corridors, has the same screed material the architects had seen in the remnants of the rooms, and wooden floor boards were replaced just as they had been placed in the rooms before, probably as a result of the military occupation.

We reach this upper level using a very elegant staircase of imposing wooden steps which replicates the, now new, existing staircase in its original location. A long initial flight takes us to a landing from where we can either go left, towards one of the great educational halls and the document

centre, or right, to the Art Centre’s administrative area and the bar/cafeteria.

The unorthodox location of the bar/cafeteria is due to the opportunity to build a discrete terrace in that part of the building, which provides a worthwhile opportunity to breathe in some fresh air and enjoy the views over the complex and the ocean. However, this is, perhaps, the only weakness of the ambitious design: had it been embodied in the store, near the street, for example, the bar/cafeteria would have had greater visibility and patronage, breathing life into the main “square” and creating synergies for the entire complex, which does not happen in the chosen location, as it is quite secluded.

Returning outdoors, the apparent “labyrinth”, which the architects created between the existing and new layout, an interesting public space which allows us to cross the Art Centre from south to north, guided by the black volcanic walls, we encounter the last patio in the back where a mindful

management team, committed to offering activities to the city, has installed a skating rink, which children eagerly seek out. But we do not reach the end of our journey by crossing the wall’s gate: an expansive terrace, spanning across the entire width of the plot where the complex is located, extends up to the waterfront avenue, which for now, has the sea on its horizon. A ground which was acquired later by the Azores Regional Secretariat of Culture to lighten traffic in the Art Centre and endow it with another vast outdoor area where activities are also held.

Beyond the avenue, the Ribeira Grande City Council has since bought an extension of the strip, up to the edge of the cliff, which could bode well for an expansion of the qualified public space in front of the Centre, were it not for the insistence of wanting to place a “monument” named “Praça Saudades da Terra” [Longing for Home Square], which will include a four-metre globe of the Earth clad in “Portuguese cobblestone”, as a kind of *naïve*



THE REFINED CITADEL

challenge, involuntary certainly, to the plethora of contemporary art proposals that have been circulating at the *Arquipélago*.

But, once the visit is over, browsing through the many catalogues and publications in the elegant store, which are a result of the many events held at

the Centre, we are, finally, led to understand that, in architecture, “heritage” and “renovation” may well be concepts that are plagued by misunderstandings and ambiguities but, when viewed from the perspective of this complex, this open, inventive, discrete, refined dialogue between what is

and the desire to question, improve and enhance, when there are strong arguments to be made for a healthy understanding of the very notion of “renovation”, then will also have a strong didactical capacity which will be up to us to share, celebrate and use as an example. ●

FICHA TÉCNICA / DATA SHEET

ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS
ARQUIPÉLAGO – CONTEMPORARY ART CENTRE
Ribeira Grande, São Miguel, Açores / Azores, Portugal

Cliente / Client
Direcção Regional de Cultura dos Açores (DRaC)

Datas / Dates
Concurso / Tender: 2007 (1º classificado / 1st place)
Projecto / Project: 2007-2010
Construção / Construction: 2011- 2014

Área / Area: 12.914 m² (9.736 m² edifícios / buildings + 3.178 m² espaços exteriores / outdoor areas)

ARQUITECTURA / DESIGN

Arquitectos / Architects: João Mendes Ribeiro Arquitecto Lda. e / and Menos é Mais Arquitectos Associados, Lda.
Autores / Authors: João Mendes Ribeiro, Cristina Guedes, Francisco Vieira de Campos
Coordenadores de Projecto / Project Coordinators: Adalgisa Lopes e / and Jorge Teixeira Dias (fase de projecto / design stage), Inês Mesquita e / and Filipe Catarino (fase de obra / construction stage)
Equipa de Projecto / Design Team (João Mendes Ribeiro Arquitecto, Lda): Catarina Fortuna, Ana

Cerqueira, Ana Rita Martins, António Ferreira da Silva, Cláudia Santos, Joana Figueiredo, João Branco
Equipa de Projecto / Design Team (Menos é Mais Arquitectos Associados, Lda): Cristina Maximino, João Pontes, Luís Campos, Ana Leite Fernandes, Mariana Sendas, Pedro Costa, Inês Ferreira, João Fernandes
Tratamento de Imagem – Concurso / Image Processing – Tender: Diogo Laje, Óscar Ribas, Ricardo Cardoso (Estúdio Goma)

ENGENHARIAS / ENGINEERING

Fundações e Estruturas / Foundations and Structures: Hipólito Sousa, Jerónimo Botelho, Pedro Pinto (SOPSEC,SA)
Instalações Hidráulicas / Water Installations: Diogo Leite, Filipe Freitas, Jorge Rocha (SOPSEC,SA)
Instalações Eléctricas / Electrical Installations: Raul Serafim, Helder Ferreira (Raul Serafim & Associados, Lda)
Segurança / Safety: Maria da Luz Santiago (Raul Serafim & Associados, Lda)
Instalações Mecânicas / Mechanical Installations: Raul Bessa, Ricardo Carreto (GET, Lda.)
Instalações de Gás / Gas Installations: José Pinto (SOPSEC,SA)

CONSULTORIAS / CONSULTING

Consultoria em Programação e Arquivo / Consulting

on Programming and Archiving: Elisa Babo (Quatenaire), Miguel Von Haff Pérez, Marta Almeida
Consultoria em Conservação e Restauro / Consulting on Preservation and Restoration: Gabriella Casella (Cariátides)
Consultoria em Acondicionamento Acústico / Consulting on Acoustic Conditioning: Rui Calejo, Eduarda Silva, Filomena Macedo (SOPSEC,SA)
Consultoria em Comportamento Térmico / Consulting on Thermal Behaviour: André Apolinário (SOPSEC,SA)
Consultoria em Mecânica de Cena / Consulting on Staging: João Aidos

Espços Exteriores / Outdoor Areas: Ana Barroco, Rui Figueiredo (Quatenaire)

Construtor / Constructor: Consórcio Somague, Marques S.A. e / and Tecnovia

Fiscalização / Supervision: Pedro Câmara (Eng. Tavares Vieira, Lda.)

Maquetes / Models: Menos é Mais Arquitectos Associados, Lda.

Fotografia / Photography: José Campos



PLACAS DE GESSO | DRYWALL

A GYPTEC, empresa portuguesa produtora de placas de gesso, desenvolve soluções para construção e reabilitação, sendo presença incontornável nas principais obras em toda a Península Ibérica. As placas de gesso Gypotec são resistentes ao fogo, impacto e humidade, e têm elevado desempenho térmico e acústico.

Mais do que placas de gesso, a Gypotec tem a solução.

Gypotec, a Portuguese plasterboard manufacturer part of the Preceram Group, develops drywall solutions for new building and refurbishment projects. An unavoidable presence in major construction works throughout the Iberian Peninsula. The Gypotec plasterboards are fire, moisture and impact resistant and offers high thermal and acoustic performances.

More than just plasterboards, Gypotec has the solution.



Figueira da Foz • T (+351) 233 403 050 • apoio tecnico@gypotec.eu • www.gypotec.eu

